
Descortinando o Sagrado: Um Testemunho sobre as Dificuldades e Potencialidades do Estudo de Recepção de Programas Televisivos Religiosos¹

Guibson DANTAS²
Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL

RESUMO

Os estudos de recepção midiática ganharam destaque no campo das Ciências da Comunicação a partir da década de oitenta, impulsionados pela redemocratização do país. Porém, mesmo contando com um campo científico já bem consolidado, com grupos de trabalho atuando em vários Estados, poucos pesquisadores se interessaram em estudar o processo de recepção de programas televisivos que tem como temática principal a relação do homem com o Sagrado. Com o objetivo de instigar a inclusão da programação religiosa-televisiva na agenda de discussões dos pesquisadores da área, este trabalho expõe dificuldades, desafios e potencialidades da análise de recepção de programas televisivos produzidos e veiculados pelas igrejas neopentecostais a partir do relato, em primeira pessoa, de duas investigações desenvolvidas pelo autor, explicitando os resultados obtidos e delineando possíveis linhas de estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Recepção, Televisão, Religião, Metodologia, Neopentecostalismo

INTRODUÇÃO: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Não tenho o costume de escrever textos acadêmicos em primeira pessoa, pois acredito que essa informalidade faz com que os argumentos do pesquisador percam um pouco de sua cientificidade. Porém, como o objetivo deste artigo é descrever minha experiência pessoal com os estudos de recepção de programas televisivos religiosos, resolvi me arriscar a escrevê-lo no referido formato.

Antes de tratar especificamente das pesquisas e seus desdobramentos, julgo pertinente contar, de forma resumida, as circunstâncias que me fizeram chegar a essa temática e a escolher os estudos de recepção como uma das minhas principais áreas de atuação como pesquisador.

¹ Trabalho apresentado no DT8 Estudos Interdisciplinares – GP Comunicação e Religião, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidad de Málaga. Professor do curso de Relações Públicas da Universidade Federal de Alagoas, e-mail: guibsondantas@hotmail.com.

Tudo começou em 2003 quando retorno do primeiro ano do mestrado em Lisboa e início a busca por um tema para minha dissertação. É nessa época que me deparo com as obras de Carlos Eduardo Lins da Silva (1985) e Ondina Fachel Leal (1986), que descreviam pesquisas que articulavam as relações entre sujeitos e receptores no âmbito da cultura³. Como o enfoque em localizações geográficas ou em classes sociais não me interessavam muito, o que me chamou a atenção nessas pesquisas foi o fato de dar destaque às questões socioculturais da audiência, não se limitando a enxergar o processo de comunicação midiática a partir dos meios⁴ - procedimento tão comum naquela época.

A afeição pelos estudos de recepção se consolidou quando, por acaso, numa visita a uma ex-professora da graduação⁵, fui apresentado à obra “Dos meios às mediações” de Jesús Martín-Barbero (1997). A ideia de deslocar o enfoque dos estudos dos meios para o campo cultural me agradou e para compreender melhor suas premissas resolvi pesquisar autores nacionais que trabalhassem com o autor. Foi quando descobri os textos de Nilda Jacks (1999), Elide Maria Fogolari (2002) e Veneza Ronsini (1995), que me fizeram entender o conceito de “mediação” e sua aplicação em pesquisas multidisciplinares, caracterizadas por dar ao pesquisador certa autonomia na escolha do método e *corpus* de investigação. Dessa forma, curiosamente, elegi a modalidade de pesquisa que queria desenvolver antes mesmo de ter um objeto de estudo definido.

Meses depois, ao retornar de um seminário na Universidade Católica de Pernambuco, me deparei com uma cena inusitada: minha tia anestesiada diante da televisão, com um copo d’água na mão, assistindo um programa da Igreja Universal do Reino de Deus. Pedi licença, sentei ao seu lado e prestei atenção no discurso do apresentador-pastor, que na ocasião pedia que os telespectadores tomassem o líquido após a oração. Vendo aquela cena, me indaguei sobre o nível de influência que aquele religioso exercia sobre a minha tia, que naquele momento representava a audiência de milhares de pessoas espalhadas por todo país. Esse instante de inquietação fez surgir uma pergunta que inauguraria minhas reflexões sobre as relações entre mídia e religião: os

³ O primeiro é um estudo comparado da recepção de um telejornal entre operários de duas localidades e o segundo trata-se de uma etnografia de audiência comparando a recepção de uma determinada telenovela entre pessoas de classes sociais diferentes (ESCOSTEGUY e JACKS, 2005).

⁴ Segundo Ana Carolina Escosteguy e Nilda Jacks (2005, p. 13), Jesús Martín-Barbero chama isso de ‘mediacentrismo’, isto é, uma “identificação estrita da comunicação com os meios de comunicação”.

⁵ Professora Rejane Sá Markman, doutora em Ciências da Comunicação pela Universidad Autónoma de Barcelona.

telespectadores se comportam de forma passiva ou ativa diante dos conteúdos emitidos por aqueles programas?

Desenvolvi a pesquisa durante catorze meses e ao final, para meu espanto, descobri que os telespectadores eram extremamente críticos diante da televisão, mesmo demonstrando fé na Palavra veiculada. Era uma descoberta surpreendente para quem tinha como hipótese inicial a total passividade dessas pessoas diante do envolvente discurso da Igreja Universal⁶.

Apesar do êxito da pesquisa, muitas questões ficaram em aberto. O que mais me intrigou foi o fato dos telespectadores assistirem assiduamente os programas mesmo sendo críticos ao ponto de identificar as artimanhas utilizadas pelos pastores para arrecadar dinheiro. O comportamento contraditório desses telespectadores me motivou a aprofundar minhas pesquisas em nível de doutoramento, agora com o objetivo de saber o que levava essas pessoas a adotarem uma espécie de “audiência consentida” em relação aos projetos de expansão midiático-empresarial de Edir Macedo⁷.

As principais dificuldades de se estudar a recepção do sagrado.

Ao longo desses anos, notei que ao mesmo tempo em que logram visibilidade na mídia, as igrejas neopentecostais procuram dificultar o acesso de pessoas que não fazem parte do seletivo grupo dos “escolhidos” – como muitas vezes os neopentecostais se autodenominam. Entre as várias dificuldades que encontrei para adentrar nessa seara religiosa, aponto o imaginário contraditório do universo neopentecostal, a dificuldade em se distanciar do objeto de pesquisa e ter acesso a ele, a escassez de referências bibliográficas sobre o tema na área de recepção midiática, o envolvimento emocional com membros da igreja e a programação televisiva repetitiva e sequencial como as mais relevantes.

⁶ A pesquisa foi publicada na íntegra em formato de livro (DANTAS, 2016).

⁷ Esta foi a terceira pesquisa que fiz sobre a programação televisiva das igrejas neopentecostais e a primeira que abordava especificamente a Igreja Universal. A segunda pesquisa foi uma análise das representações sociais do dinheiro no programa Show da Fé de R. R. Soares, líder da Igreja Internacional da Graça de Deus, também publicada em formato de livro pela editora da Universidade Federal de Alagoas (DANTAS, 2015).

a) O imaginário contraditório do universo neopentecostal

Uma das características mais curiosas que identifiquei no convívio com os neopentecostais é o seu complexo e contraditório imaginário, que muitas vezes desafia a lógica do pesquisador. Certa vez, quando fazia um estudo etnográfico numa cerimônia conhecida como “terapia do amor”, uma mulher viúva que se dizia assídua telespectadora dos programas da Igreja Universal⁸ e que há oito anos frequentava os templos confessava que não acreditava na seriedade do pastor que ministrava o culto, pois segundo suas próprias palavras ele tinha “cara de homem safado”. Prontamente indaguei as razões que a faziam continuar a assisti-lo na televisão se o mesmo não lhe passava confiança. Sua resposta foi emblemática: “Porque eu o acho simpático e errar é humano”. Na mesma cerimônia, uma jovem aparentando ter cerca de 30 anos comentava com sua colega que um determinado pastor era “um homem de Deus, além de gostoso”.

Numa outra ocasião, uma Senhora afirmou em voz alta que os cultos afro-brasileiros eram os responsáveis pelas coisas ruins que aconteciam às pessoas e que isso começou quando os africanos vieram para o Brasil como escravos. Olhando para ela e observando atentamente sua pele mulata, a instiguei a falar. Sem hesitar, me explicou calmamente que era descendente de negros, mas que sua alma era branca, pois nunca havia frequentado terreiros.

Como podemos observar, no universo neopentecostal, mais precisamente o iurdiano, o sagrado e o profano convivem em harmonia, estabelecendo condutas híbridas que podem dificultar a obtenção de dados por parte do pesquisador ao levá-lo a distanciar-se dos objetivos traçados para saciar curiosidades que surgem ao longo do contato com essa comunidade.

Se tratando de igrejas neopentecostais, tudo que se escreve sobre elas deve ser anteriormente checado empiricamente, pois apesar de existir regras de conduta instituídas pelos líderes, o que se nota é uma surpreendente flexibilidade dentro e fora dessas igrejas se comparada às tradições da Igreja Católica. Acredito piamente que essa flexibilidade é um diferencial determinante para seu crescimento face à Igreja Católica – que, ao contrário dos neopentecostais, é mais rígida com seus fiéis e corporativista com seu clero.

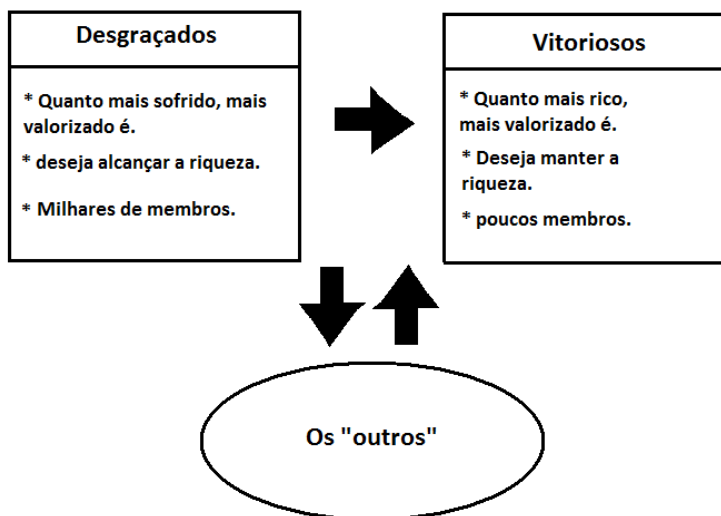
⁸ Durante o texto utilizo muitas vezes a Igreja Universal para exemplificar uma conduta que é comum em todo o movimento neopentecostal, já que foi a pioneira e ainda hoje é modelo para as demais igrejas.

É importante ter em mente que toda a *práxis* neopentecostal é baseada na Teologia da Prosperidade, em que o Divino se manifesta na aquisição de bens materiais. Essa é, talvez, a única certeza que o pesquisador deve levar em conta, pois cada culto ou cerimônia tem caráter próprio. É o caso, por exemplo, da visão que se tem da medicina tradicional nos cultos do movimento neopentecostal que comumente são exibidos em seus programas matinais. A medicina tradicional, assim como a figura do médico é desvalorizada pelos pastores, que induzem o fiel-telespectador a duvidar dos diagnósticos clínicos e a depositarem suas esperanças no dízimo - que logo se converte numa espécie de passaporte para a graça (DANTAS, 2015).

Uma das constatações mais singular foi o culto inconsciente à desgraça por parte da audiência. Em sua obra sobre estudos de recepção, Javier Callejero (2001, p. 59) afirmou que “é difícil falar da audiência de uma só maneira”, mas tratando-se especificamente da audiência da Igreja Universal a tarefa é ainda mais difícil devido à sua complexidade e uma série de contradições que a permeia.

Foi observado que ao mesmo tempo em que desejam crescer financeiramente, há entre eles uma tendência a interpretar a desgraça como distinção social, fazendo com que disputem entre si o mérito de ter a vida mais difícil ou ter presenciado terríveis flagelos humanos. Essa transformação da desgraça em “status” foi uma maneira que a própria instituição religiosa encontrou para fidelizar a audiência, criando uma classificação simbólica para que os iurdianos possam se orientar dentro da comunidade.

Quadro 1: Classificação simbólica dos iurdianos



A classificação é bastante simples e de fácil compreensão. Primeiro está a divisão entre os iurdianos e os “outros”, ou seja, as pessoas que não frequentam ou não assistem os programas da Igreja Universal e que são vistas pelos iurdianos como pessoas fadadas a sofrer e receber represálias de Deus por não professarem uma fé supostamente verdadeira. Por sua vez, a Igreja Universal incita seus fiéis a ver as outras pessoas como rivais na busca pela ascensão social e, ao mesmo tempo, gera um temor entre eles de voltar ao grupo dos “outros”, de onde a imensa maioria dos iurdianos saiu⁹. Esse maniqueísmo existencial difundido pelos programas foi muito bem assimilado pela audiência, pois como já podemos perceber a visão de mundo deles é baseada num dualismo caracterizado pelo embate de forças opostas.

b) Dificuldade em se distanciar do objeto de pesquisa e ter acesso a ele

Para quem não é neopentecostal, algumas crenças que norteiam a conduta dos membros podem parecer absurdas e demandam uma grande atenção do pesquisador, pois sabemos que a neutralidade científica dificilmente escapa da influência dos dispositivos socioculturais de cada um no momento da interpretação dos dados. A fronteira imaginária que se forma dentro da comunidade neopentecostal entre “eles” e os “outros” (nós) é uma estratégia de dominação que essas instituições encontraram, pois qualquer conduta mais ecumênica poderia desmascarar algumas práticas de cunho financeiro que aos olhos de quem é de fora certamente pareceriam absurdas. Cito um discurso de um telespectador, ao participar de um grupo focal com outras pessoas que assistem os programas: “Às vezes eu digo assim: Deus, eu queria ganhar um milhão para te dar cem mil” (DANTAS, 2016, p. 57).

Para serem absorvidos pelo público sem ruídos de comunicação, os cultos tradicionais (e televisivos) se utilizam de uma linguagem maniqueísta, facilmente adaptada aos interesses momentâneos da instituição. Confesso que em meio à coleta de dados, inúmeras vezes surgiu a vontade de alertar os fiéis sobre determinadas práticas dos pastores-apresentadores, mesmo sabendo que a audiência desses programas é ativa. Certas ações dos fiéis eram aparentemente tão absurdas que cheguei a duvidar da legitimidade das conclusões da minha primeira pesquisa, criando um perigoso sentimento

⁹ Os fiéis das igrejas neopentecostais em sua grande maioria são, na verdade, pessoas que se converteram à igreja depois de militarem em várias seitas, inclusive afro-brasileiras. Em nossas pesquisas não conhecemos um membro sequer que tem origem na Igreja Universal.

de incredulidade na minha capacidade como pesquisador. Isso me ocorreu numa cerimônia no Templo Maior da Fé da Igreja Universal em Recife, onde se via pessoas portadoras de doenças graves que mal podiam subir no altar sendo aplaudidas de pé pelo público – que respondia com gritos e acenos a cada ato instigador dos pastores. Era chocante a midiaticização do sofrimento alheio. Enquanto aguardavam sua vez de dar seu testemunho de fé, algumas pessoas posicionavam-se atrás do entrevistado numa tentativa de ser filmadas e conseqüentemente aparecer no programa televisivo da manhã seguinte.

Além de mexer com a sensibilidade humana, o discurso maniqueísta das igrejas neopentecostais contribuía para dificultar o acesso aos membros e, sobretudo, à cúpula dirigente – que era protegida por centenas de colaboradores, mais conhecidos “obreiros”. A desconfiança dos membros em relação ao mundo exterior pode ser notada a partir da entrada do próprio templo, onde a sensação de estarmos sendo vigiados é constante. Vale ressaltar que, nesse caso, os programas televisivos servem como reforço a esse sentimento de desconfiança, pois “a mídia parecer agir como catalisador, pondo em movimento valores, mentalidades e fatos preexistentes” (RONSINI, 2004, p. 91).

Quadro 2: Discurso maniqueísta neopentecostal

Universo simbólico-maniqueísta dos Neopentecostais

NEOPENTECOSTAIS	OUTROS
Abençoados	Infiéis
Deus	Diabo
Bem	Mal
Escolhidos	Bastardos
Nós	Eles
Dizimistas	Decadentes
Salvos	Condenados

A forma que encontrei para romper essa fronteira simbólica dos iurdianos foi criar um personagem com meus nomes menos usuais (José Delgado)¹⁰ e viver intensamente o

¹⁰ Fazer etnografia nessas condições obriga o pesquisador, muitas vezes, a adotar algumas condutas que podem ser apontadas como inadequadas pelos conselhos de ética das instituições superiores ou agências de fomento à pesquisa.

cotidiano da comunidade durante oito meses, dizimando mensalmente, dando ofertas generosas em momentos que eu julgava oportunos e me preocupando em não transitar pela cidade de Recife para não ser identificado e posteriormente desmascarado por algum membro da igreja.

c) Falta de referências bibliográficas na área de recepção midiática.

É crescente o número de trabalhos sobre as igrejas neopentecostais em várias áreas do conhecimento (Ciências Sociais, Ciências Políticas, Linguística, Antropologia, Ciências da Religião, Psicologia, etc.), mas bastante escassos sob a ótica da Comunicação¹¹, sobretudo de recepção midiática. Há alguns trabalhos que se dedicam a descrever a atuação das igrejas como empresas midiáticas, a analisar o conteúdo das mensagens religiosas ou as estratégias de marketing, mas é quase inexistente os estudos de recepção que tem como objeto os programas televisivos gerados pelo movimento neopentecostal. O ineditismo de um estudo é um ponto positivo se levamos em conta à contribuição que pode dar ao amadurecimento das Ciências da Comunicação, mas é ao mesmo tempo perigoso, pois um dos fatores que norteiam o rigor científico é a experiência adquirida e divulgada por outros autores sobre o tema em questão.

d) Envolvimento emocional com membros da igreja.

Quando se faz etnografia de audiência e passa-se a viver o cotidiano de um grupo, a médio prazo surge um grande desafio para o pesquisador: o envolvimento emocional com as pessoas que integram o *corpus* de pesquisa¹². No caso específico da última investigação, em que necessitei me inserir numa comunidade religiosa, observei que os demais membros se afeiçoaram ao meu ‘personagem’ e isso me deixava bastante confuso, com certo sentimento de culpa, pois enquanto algumas pessoas ofereciam sincera amizade eu tinha que gerir as relações de acordo com os meus interesses como pesquisador.

Na experiência que tive com os neopentecostais, o contato com os membros da cúpula (pastores, técnicos, profissionais de comunicação) era menos traumática, pois a

¹¹ Hoje já podemos encontrar vários pesquisadores brasileiros que se dedicam ao estudo das manifestações do Sagrado no âmbito da comunicação. Destaco o trabalho pioneiro de Magali Cunha e Karla Patriota nesse campo.

¹² Este fato já foi documentado por alguns antropólogos que viveram com os índios (RIBEIRO, 1996; LÉVI-STRAUSS, 1996).

impressão que me dava é que eles também tinham criado um personagem e estavam ali atuando com interesses particulares, ao contrário do povo, dos fiéis-telespectadores, que se comportavam de forma verdadeira e tinham a igreja como extensão de suas casas.

e) Programação televisiva repetitiva e sequencial

Os pesquisadores que se dedicam atualmente aos estudos de recepção midiática são unânimes em afirmar que para se compreender o processo de recepção é necessário sair do gabinete da universidade e se misturar com o grupo social/receptor para apreender seu modo de vida, suas formas de sociabilidade e imaginário popular. Constatei que a dinâmica que se vê nos templos, com uma riqueza extraordinária de cerimônias, depoimentos com elementos seculares, enfim, de uma agitada vida comunitária, se enfraquece muito quando vai para a tela. Os programas que retratam o que acontece nos templos privilegiam a repetição de casos, como se houvesse uma categorização de temas que são eleitos como midiáticos e não-midiáticos. No quadro a seguir, podemos visualizar alguns exemplos de temas que costumam migrar do ambiente físico para o midiático:

Quadro 3: Temas mais presentes

Pré-seleção de temas

TEMAS	
Midiáticos	Não-midiáticos
Desemprego	Traição conjugal
Cura do câncer	Salvação
Despachos	Promessas no âmbito esportivo
Aquisição de bens	

Como há uma constante repetição de depoimentos e atrações que abordam um mesmo conjunto de temas, o pesquisador é condicionado muitas vezes a desprezar parte da programação por achar que não vai obter um novo dado. Basicamente esses programas televisivos que fazem uma interface com o templo possuem um modelo sequencial que, com o tempo, o pesquisador decora e o trabalho torna-se por vezes enfadonho – ao contrário da pesquisa etnográfica, que a cada imersão surge um novo fato.

Potencialidades e perspectivas da inserção do Sagrado como objeto de estudo de recepção midiática.

Como já disse anteriormente, todo objeto de pesquisa que é pouco estudado torna-se um desafio para o pesquisador, pois o obriga a adaptar pesquisas, métodos e abordagens de outros autores - que às vezes não apresentam nenhuma similaridade entre si - para criar condições de investigação e inaugurar uma nova abordagem científica.

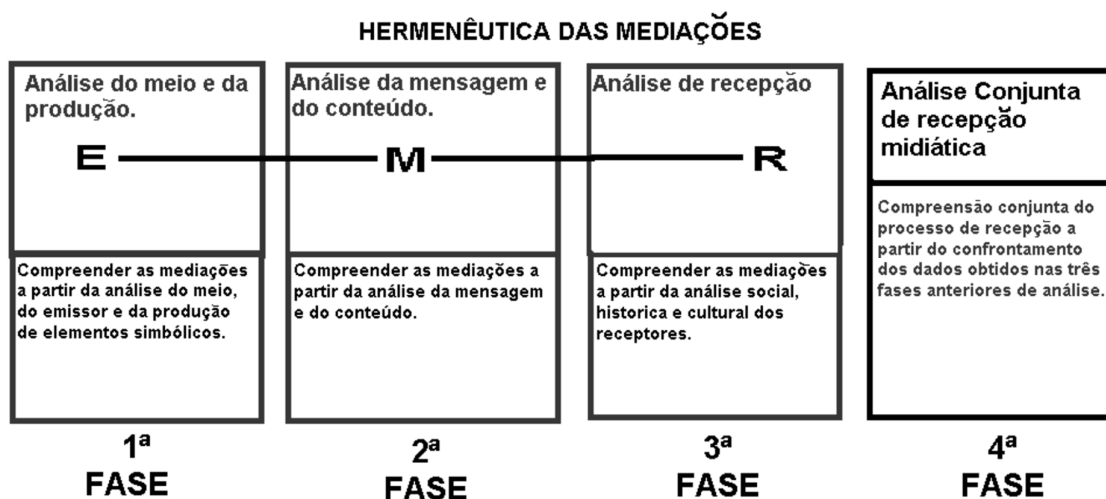
No caso específico das pesquisas de recepção que tem o Sagrado como foco, constatei três problemas que podem se converter em oportunidade de estudo para o pesquisador: ausência de uma metodologia específica para o estudo da recepção do Sagrado - liberdade para experimentações metodológicas; pouca literatura sobre o tema na área de comunicação - multidisciplinaridade pedagógica; complexidade do objeto de investigação – possibilidade de enfoques variados.

a) Liberdade para experimentações metodológicas

A quase inexistência de estudos de recepção bem estruturados que abordem a programação religiosa nacional me obrigou a desenvolver um método próprio de estudo, tendo como arcabouço teórico a Teoria das Mediações de Jesús Martín-Barbero (2009) e uma considerável influência das premissas de John Thompson (1995). Decidi, então, intitulá-la de “Hermenêutica das Mediações” por dois motivos. Primeiro: o termo ‘hermenêutica’, segundo Aurélio Buarque de Ferreira (2004), significa a interpretação das palavras. Adotei este termo por achá-lo mais apropriado ao objetivo central dos estudos de recepção na ótica das mediações culturais, que é interpretar determinadas estruturas que influenciam o receptor em sua forma particular de enxergar o mundo. Segundo: ‘mediações’ porque o método foi pensado a partir da minha experiência pessoal em trabalhar com o aporte teórico barberiano.

O método foi construído a partir de um paradigma básico da comunicação desenvolvida três séculos antes da era cristã por Aristóteles (2011). Com o modelo “Emissor-Mensagem-Receptor” em mente, estabeleci a análise do processo de recepção em quatro fases: análise do meio e da produção, análise da mensagem e do conteúdo, análise de recepção e análise conjunta de recepção midiática.

Quadro 4: Construção metodológica da pesquisa



Na primeira fase, foram analisados o conjunto de fatores que levaram ao surgimento da Igreja Universal do Reino de Deus, suas estratégias de comunicação e produção simbólica dos produtos midiáticos. Nesta fase deu-se uma grande ênfase à descrição do itinerário histórico da instituição emissora-produtora de sentidos, pois há “uma estreita relação entre a busca de conhecimento e o contexto histórico” (BAILÉN, 2002, p. 9).

Na segunda fase as mensagens midiáticas emitidas nos programas televisivos¹³ da Igreja Universal foram analisadas tendo em conta a estrutura da narração e do argumento, as maneiras como a tensão narrativa se combinam com algumas variáveis com o objetivo de apreender a construção das mensagens. Já a terceira fase foi uma análise de recepção no sentido tradicional, a partir de entrevistas com questionários abertos, grupo focal, etnografia da audiência e história de vida¹⁴ que, ao final, acabaram sendo de grande utilidade no intuito de mapear o comportamento do público diante das mensagens veiculadas. Na última fase, intitulada “análise conjunta da recepção midiática”, confrontei os dados obtidos nas três fases anteriores, tendo uma visão macro de todo o processo de recepção dos programas. Esta fase foi decisiva no que diz respeito à conclusão final da

¹³ Ao notar que a Igreja Universal procura adaptar seu discurso à realidade de onde faz ou veicula suas pregações, decidi gravar apenas os programas exibidos na cidade de Recife, já que foi o local onde foram feitas as pesquisas de campo.

¹⁴ Cinco famílias com características pré-estabelecidas foram selecionadas para a pesquisa dentro do templo da Igreja Universal, enquanto fazia um trabalho etnográfico. Convivi doze horas na casa de cada família para compreender seu cotidiano e o papel dos programas na vida dos membros.

pesquisa, pois abrangeu a interferência das mediações (em suas várias tipologias) nos três eixos do paradigma aristotélico, superando um problema muito comum nos estudos de recepção:

“A análise de recepção de um produto cultural não pode ser reduzida apenas ao estudo do que ocorre ao receptor, como efeito direto da leitura; e ele não pode ser considerado, legitimamente, como o pólo isolado de um processo de puras trocas exteriores” (VALVERDE, 2001, p. 84).

b) Multidisciplinaridade pedagógica

A ausência de uma biblioteca consistente sobre o tema nas Ciências da Comunicação me obrigou a buscar em áreas afins alguns conceitos que ao longo das pesquisas se tornaram essenciais para se entender o processo de recepção dos programas televisivos das igrejas neopentecostais. Ao final da revisão bibliográfica me dei conta que a dificuldade em encontrar premissas que sustentassem meu discurso no texto se converteu numa rica experiência, que me fez conhecer teorias e abordagens em vários campos do saber. Isso me ajudou a superar uma série de lacunas na minha formação teórica, facilitando um melhor entendimento de um objeto tão complexo como a religião em seu formato midiático.

c) Possibilidade de enfoques variados.

A complexidade das igrejas cristãs e seus desdobramentos na mídia dá ao pesquisador inesgotáveis possibilidades de estudo. Enquanto escrevia a tese doutoral sobre o poder dos programas televisivos da Igreja Universal no Brasil, à título de exemplo, listei alguns temas sobre aquela instituição que podem ser investigados sob a ótica dos estudos de recepção: a recepção da liturgia iurdiana como sistema de comunicação popular; a recepção do Diabo na programação televisiva da Igreja Universal; o comportamento dos telespectadores diante do programa “Fala que eu te escuto”: um estudo de recepção; a recepção da programação televisiva da Igreja Universal

entre telespectadores fiéis e não-fiéis: um estudo comparado; a recepção do Deus iurdiano em Recife e Salvador: um estudo comparado¹⁵

Considerações Finais.

Os estudos de recepção midiática abrangem a cada dia novos campos de análise e acompanham de perto as inovações tecnológicas dos meios de comunicação de massa. Pesquisadores como Denise Cogo e Liliane Dutra Brignol (2010) já se deram conta das possibilidades que a Internet trás para a área graças à condição de anonimato dos internautas, que transparece todos os preconceitos e visões de mundo que até então eram desconhecidas muitas vezes deles mesmos.

Neste texto tentei mostrar que o estudo de recepção referente aos programas televisivos religiosos ainda é pouco explorado, mesmo com a grande visibilidade social alcançada pelas instituições religiosas por conta do alto investimento em mídia.

A título de sugestão para aqueles que desejam estudar a recepção do Sagrado na TV, enfatizo a importância de atentarem para as pesquisas etnográficas nos templos da instituição produtora, pois é no cotidiano da comunidade que tudo acontece ou se transforma. A televisão deve ser encarada como um poderoso meio de transmissão do conteúdo religioso, mas a recepção dos mesmos começa dentro do templo, no contato do telespectador-fiel com os líderes, assistindo os rituais *in loco*. Só assim se consegue subsídios essenciais para a formalização de uma análise conjunta de todo processo de recepção.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Retórica**. São Paulo: Edipro, 2011.

BAILÉN, Amparo Huertas. **La audiencia investigada**. Barcelona: Gedisa, 2002.

CALLEJERO, Javier. **Investigar las audiências** – um análisis cualitativo. Barcelona: Paidós, 2001.

¹⁵ Como essas igrejas adaptam seu discurso á cultura local onde são veiculados, o pesquisador pode fazer vários estudos de recepção comparada da programação televisiva, pois notei ao longo dos anos que cada Estado tem uma programação pautada nos temas que fazem parte da agenda de discussões da população local. Por exemplo, em Salvador, onde há forte influência da cultura afro-brasileira, o discurso iurdiano enfatiza a guerra santa contra os terreiros. Já em Macapá, onde há alto índice de suicídios, os programas buscam oferecer serviços de autoajuda.

- COGO, Denise; BRIGNOL, Liliane Dutra. **Redes Sociais e os estudos de recepção na Internet**. In: XIX Encontro Anual da Compôs – Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Rio de Janeiro, 2010.
- DANTAS, José Guibson. **Crentes, mas nem tanto** – o comportamento dos telespectadores diante dos programas televisivos das igrejas neopentecostais. Maceió: Edufal, 2016.
- _____. **Dinheiro: o passaporte para a graça** – as representações do dinheiro no programa “Show da Fé”. Maceió: Edufal, 2015.
- ESCOTEGUY, Ana Carolina; JACKS, Nilda. **Comunicação e Recepção**. São Paulo: Hacker, 2005.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de. **Novo dicionário Aurélio de língua Portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Positivo, 2004.
- FOGOLARI, Elide Maria. **O visível e o invisível no ver e no olhar a telenovela** – recepção, mediação e imagem. São Paulo: Paulinas, 2002.
- JACKS, Nilda. **Querência** – cultura regional como mediação simbólica. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 1999.
- LEAL, Ondina Fachel. **Etnografia social da novela das oito**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- RIBEIRO, Darcy. **Diários índios** – os Urubus-Kapoor. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- RONSINI, Veneza. **Entre a capela e a caixa de abelhas: identidade culturalç de gringos e gaúchos**. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.
- _____. **Cotidiano rural e recepção da televisão: o caso Três Barras**. Revista Brasileira da Comunicação. V. 17, n. 1, p. 108-118, jan./jun. 1995.
- SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **Muito além do jardim botânico** – um estudo sobre a audiência do Jornal Nacional da Globo entre trabalhadores. São Paulo: Summus, 1985.
- THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- VALVERDE, Monclar. **Recepção e sensibilidade**. In: FAUSTO NETO, Antonio et. al. **Interação e sentidos no ciberespaço e na sociedade**. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.